
Identidade e interação social feminina na educação física escolar

Identity and female social interaction in school physical education

Autor: Adryane Stéfany Cipriano Alves Ribeiro

Instituição/Formação do autor: Professora de educação física

Resumo: Este artigo refere-se à participação de mulheres em academia de ginástica, onde foram analisados a interação e os papéis sociais femininos no processo de ensino-aprendizado. Foram observados e pesquisados em que medida a identidade e a interação social influenciam no desenvolvimento educacional e social das adolescentes, com foco nas aulas de Educação Física.

Palavras chave: Educação Física. Sociologia.

Abstract: This article refers to the participation of women in gymnastics at academy, it was analyzed the interaction and the female social roles in the teaching-learning process of Physical Education. It was observed and investigated to what extent the identity and social interaction influence the educational and social development of the adolescents, focusing on the Physical Education.

Keywords: Physical Education. Sociology.

Introdução

Nosso trabalho dará ênfase à formação da identidade social do indivíduo, a qual é caracterizada pelos papéis sociais que são desempenhados e pela aglomeração de adjetivos que definem o Eu do indivíduo. Destacamos a interação social de adolescentes na faixa etária de 14 e 15 anos nas aulas de Educação Física. Segundo Peter Burke,

[...] a teoria da identidade social é uma teoria da psicologia social no campo da sociologia e atenta para o entendimento das identidades, suas fontes na interação e na sociedade, seus processos de operação e suas consequências para a interação em sociedade [...]. (BURKE, 2009 APUD ARAUJO, 2017, p. 3).

Para que se forme a identidade social de um indivíduo, a sociedade está presente, interferindo e definindo a concepção de auto avaliação do sujeito. A interação social influencia as relações sociais desenvolvidas pelos indivíduos e grupos sociais. Por meio desta, constrói-se um crescimento e desenvolvimento em diversos aspectos do mundo. Segundo Giddens (2002), existem duas razões para o estudo da interação social cotidiana. Em primeiro lugar, as rotinas do dia-a-dia, e em segundo lugar, estudar a interação social na vida cotidiana ilumina a interpretação dos sistemas e instituições sociais.

Ainda segundo o autor, a interação social permite integrar-se com outras pessoas ou um indivíduo, e essa mensagem pode ser interceptada verbalmente ou não. Para se compreender a interação social é necessário entender e realizar um papel social, o final é controlado pelo tempo e espaço (GIDDENS, 2002).

Para Vygotsky (1998) é no cotidiano das crianças, que elas observam o que os outros dizem, porque dizem o que falam, porque falam, internalizando tudo o que é observado e se apropriando do que viu e ouviu. Recriam e conservam o que se passa ao redor. Em função desta constatação, Vygotsky (1998, p. 26) afirma que “a aprendizagem da criança se dá pelas interações com outras crianças de seu ambiente, o que determina o que por ela é internalizado”. Assim, a criança vai adquirindo estruturas linguísticas e cognitivas, mediado pelo grupo.

Por isso é observado que para um crescimento mundial qualitativo é necessário compreender a interação social e educacional, para que se faça presente um sistema educativo menos unilateral e mais igualitário, independentemente de ser escola pública ou privada. A interação e identidade social são necessárias para que o processo de ensino-aprendizagem seja compreendido e assimilado em relação à questão e a dinâmica de diferentes papéis sociais que ali se expressam. Essa é uma questão importante quando se trabalha a Educação Física Escolar.

Objetivo Geral

Analisar a interação e os papéis sociais femininos no processo de ensino-aprendizado da Educação Física escolar.

Objetivo Específico

Observar e analisar como a identidade e a interação social influenciam no desenvolvimento educacional e social das adolescentes, com foco nas aulas de Educação Física e no processo de ensino-aprendizagem.

Justificativa

Devido à ausência de práticas, vivências e conhecimentos no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Educação Física sobre o tema relacionado à interação social à identidade percebe-se o quão estão mais complexos o convívio e a interação entre as pessoas, dificultando uma percepção única.

São necessárias experiências interativas dentro da área de Educação Física, para melhor compreender os papéis sociais femininos dentro do espaço educacional. Segundo Giddens (2002, p. 3) “os papéis sociais são expectativas socialmente definidas que um indivíduo de determinado estatuto e posição social tem”.

Entende-se que o docente é um dos principais responsáveis por proporcionar momentos de interação dentro do espaço escolar. Segundo Tassoni (2000)

[...] considerando que o processo de aprendizagem ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas, a partir de uma relação vincular, é, portanto, através do outro que o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir e, dessa forma apropria-se (ou constrói) novos conhecimentos. (TASSONI, 2000, p. 6).

Revisão da literatura

Sexo e gênero - A mulher da atualidade

Desde a infância, no aprendizado primário das crianças, elas já aprendem sobre a separação de gênero, o que se qualifica para homens e o que se destina para as mulheres. Exemplo: brinquedos, esmaltes, acessórios de beleza, penteados de cabelo, roupas, cores, escolhas e atitudes. Entender essa distinção ou gênero é importante para o processo de educação, desde a infância.

Porém no novo século em que estamos vivendo, e com os responsáveis dos mesmos, com uma mente mais ampla para novas descobertas e escolhas, aumentam as chances das mesmas terem maior decisão de escolhas nas suas próprias roupas, brinquedos, programas de televisão, amigos. Certamente ainda permanecem muitos limites.

Segundo Giddens (2002), há uma distinção entre sexo e gênero. O termo “sexo” é visto como algo referente às diferenças físicas anatômicas entre homens e mulheres. Observa-se através do seu texto que gênero é uma construção cultural, segundo uma série de comportamentos aprendidos, e ações que são usadas diariamente, e não um dado físico e/ou biológico.

É possível identificar isso no movimento LGBT. Segundo o site Significados (acesso em 18 de agosto de 2017), o evento se caracteriza com a presença de diversas pessoas que possuem uma orientação sexual distinta, como as lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. Esse grupo busca seus direitos e uma aceitação na sociedade (SIGNIFICADOS, 2017).

Apesar da homofobia ainda permanecer por parte de várias pessoas, ainda existem diversos eventos no mundo voltado para os mesmos, incluindo a “Parada LGBT”, em São Paulo, um dos maiores acontecimentos do mundo. O grupo se diverte, comemora a sua cultura, e busca uma igualdade, independentemente de sexo.

Não só o grupo LGBT busca por uma evolução, as mulheres também estão envolvidas nesse processo. Percebe-se isso a partir dos anos 60, quando elas se tornam cada vez mais independentes, seja no mercado de trabalho, na vida sexual, na estética, nos relacionamentos sociais/ afetivos, no nível de escolaridade e, principalmente, na sua personalidade. Elas agora estão se valorizando, muitas vezes, mesmo estando fora dos padrões classificados pela sociedade.

Na revista Época, Cecília Pires (2005) fala: “a geração que hoje tem 50 anos foi a que mais derrubou tabus, e mais se distanciou da imagem de mulher herdada da mãe”. Por meio de uma citação da revista Veja (2002), pondera-se um assunto bem polêmico, a traição, onde, na maioria das vezes, eram praticados apenas por homens. Hoje já observamos um cenário diferente, onde também a mulher, por vezes, trai. A revista Veja (2002) enfatiza: “a independência feminina promoveu mudanças em diversos aspectos da sociedade, sobretudo no que diz respeito ao mercado de trabalho e à organização familiar.

Segundo dados da Revista Veja, dos consultórios médicos e de terapeutas vem a notícia de que os homens estão traindo com culpa. E as mulheres, “traindo como nunca”. O fenômeno já é conhecido como “vingança da Amélia”, em referência ao estereótipo da mulher submissa. O fato é que, para elas, “a ressaca moral do adultério nunca foi tão pesada”, (VEJA, 2002).

Apesar de manter casos extraconjugais, os homens estão ressabiados por medo de serem abandonados ou traídos por vingança por suas mulheres. O terapeuta Nelson Vitiello se posiciona dizendo: “A maioria dos que traem se remói de culpa, não dorme direito e gela quando o telefone toca” (VEJA, 2002).

Desde que os casamentos se tornaram mais simétricos, com maridos e mulheres dividindo contas e responsabilidades em pé de igualdade, o homem passou a ter uma sensação incômoda ao trair. A explicação é que, pela primeira vez, eles parecem ter se dado conta do que estão fazendo. Em reportagem da Revista Veja (2002), a psicanalista Magdalena Ramos diz:

Os casais são mais cúmplices, construindo e provendo o lar em igual proporção. Ao trair, o homem sente destruir o vínculo de lealdade com alguém que divide tudo com ele. A culpa masculina é um fenômeno quase exclusivo de uma geração mais nova (VEJA, 2002).

Devido a essa nova independência, elas já tomam suas decisões, antes que seus conjugues determinam algo, como nos tempos antigos. Filhos, hoje em dia, são mais uma questão de escolha que de determinação tradicional. A ideia de separação em um relacionamento agora se inicia também por parte delas, preferindo a felicidade a uma vida desconfortante. Nos dias atuais as mulheres já conhecem melhor o prazer sexual, então não se contentam com uma vida caracterizada como “mesmice”, ou até mesmo um sexo que não as satisfazem. A sexóloga Regina Navaro, autora de A cama na varanda, em artigo da Revista Veja, afirma: “É balela essa história de que homem trai por sexo e a mulher por amor. As pessoas se moldam à cultura, que prega a monogamia” (VEJA, 2002).

Apesar de as mulheres estarem bem mais próximas da igualdade social em todos os âmbitos ainda continuam ganhando menos que os homens, sendo que, além do trabalho, exercem outras funções domésticas, é o que se domina, a “jornada dupla de trabalho”. Apesar de ganharem espaço no mercado de trabalho, podemos perceber através da Revista Época, um estudo que mostra que as mulheres têm um nível maior de escolaridade, mas ainda ganham menos (Época, 2005).

Segundo dados do jornal Correio Braziliense, no ano de 1990 apenas 38,0 % das mulheres estavam empregadas, já em 1996 o crescimento feminino no mercado de trabalho chegou à 39,6. Por fim no ano de 2002 apresentava um número de inserção significativa - 42,1%, (CORREIO BRASILIENSE, 2002).

Por meio destas informações, observa-se o grande avanço das mulheres no mundo, prevendo um futuro mais vasto, coberto de oportunidades e descobertas, onde estarão sempre em busca da sua independência, do sucesso pessoal e profissional.

“Não se nasce mulher, torna-se mulher”

Mulher, segundo o Dicionário Aurélio (acesso em 02 de agosto de 2017), significa “Cônjuge ou pessoa do sexo feminino, considerado do ponto de vista das características biológicas”. A filósofa francesa Simone de Beauvoir discordava, em certa medida, desta definição. Segundo a autora: “NÃO SE NASCE MULHER, TORNA-SE MULHER”, devido não ser uma questão biofísica, e sim uma forma que a mulher é moldada, incluindo a religião, os hábitos, a moral, os costumes, formando a cultura, no qual é proporcionada à mesma (BEUAVOIR, 2009).

Decisivamente a mulher de hoje, assim como as de várias gerações anteriores, já passaram por várias situações vexatórias e desumanas. E, mesmo assim, estão cada dia mais buscando o sucesso profissional e pessoal, independentemente de gênero.

Além disso, existem alguns lugares que fazem com que mulheres aprendam mais sobre si e tenham mais vontade de fazer algo por elas mesmas, lugares como academias onde elas buscam uma vida mais saudável, um corpo mais adequado. Acabam encontrando também um ambiente de socialização onde algumas procuram nestas academias esse propósito, por ser um local que se aglomeram diversas mulheres que possuem opiniões, atitudes, costumes e pensamentos distintos, podendo, assim, compartilhar um pouco de sua vida.

Com isso e considerando a trajetória social da mulher ao longo da história, hoje vemos um mundo mais igual para elas, onde se observa mais igualdade de gênero, independência e estabilidade. Recordando-se que a cada dia, as mesmas têm mais chances e possibilidades de se tornarem a mulher que quiserem ser, onde quiserem, pois, a mulher tem mais escolhas de ser o que ela quiser inclusive MULHER.

Interação social

A interação social, segundo o site Toda Matéria (acesso em 28 de agosto de 2017), significa relações sociais desenvolvidas pelos indivíduos e grupos sociais. Por meio desta, é permitido um crescimento e desenvolvimento em diversos aspectos do mundo.

Segundo Giddens (2002), existem duas razões para o estudo da interação social cotidiana. Em primeiro lugar, as rotinas do dia-a-dia, com as suas constantes interações com outras pessoas, dão forma e estruturam o que fazemos. A nossas vidas estão organizadas de acordo com a repetição de padrões semelhantes de comportamento. Exemplo: o caminho de casa para o trabalho; o horário que lixeiro passa para recolher o lixo; à hora de acordar... (nos finais de semanas as ações de atividades são diferentes dos dias úteis).

Em segundo lugar, estudar a interação social na vida cotidiana ilumina a interpretação dos sistemas e instituições sociais mais amplos. Através dessa interação, observamos as diversas formas de comunicações que são utilizadas, e que não necessariamente existe só a comunicação verbal. Podemos nos expressar e nos comunicarmos por meio de expressões faciais/ corporais,

gestos, entonação da voz ou até mesmo imagens. A mensagem será passada para o receptor da mesma forma, porém de forma não verbal.

Uma das formas de se comunicar é por meio de expressões faciais, onde se percebe o estado físico e emocional de um indivíduo. O tipo do olhar e sorriso de uma pessoa podem demonstrar: felicidade, tristeza, ironia, timidez, dentre outros.

Os movimentos gestuais também estão agregados nessa comunicação não verbal. Segundo Giddens (2002, p. 4): “Não há gestos ou aspectos da postura corporal que se tenha provado poderem ser característicos de todas, ou mesmo da maioria das culturas”. Em algumas sociedades, por exemplo, as pessoas inclinam a cabeça para dizer <<não>>, o oposto do que fazemos no Ocidente. A face, a conduta corporal e a fala podem, por conseguinte, ser usados para transmitir certos significados e ocultar outros”.

Para que possamos ter uma interação, é necessário desenvolvermos papéis sociais. Com base no estudo de Giddens (2002), ele mostra como o sujeito compreenderá as atividades que são distribuídas no tempo e no espaço, e o quão é fundamental na análise de encontros, e para entender a vida social em geral. Para que nossas atividades sejam realizadas, utilizamos o relógio, pois delimita o tempo e a coordenação de espaço.

Giddens (2002, p.6) refere que: “os papéis sociais são expectativas socialmente definidas que um indivíduo de determinado estatuto e posição social tem”. Para que se possa ter e desenvolver um papel social é importante se analisar a cultura, modo de viver, características, costumes e escolhas.

Todos nós temos esse papel social, mesmo que seja apenas ser filho, além de realizarmos o papel de funcionário no trabalho, ainda ocupamos diversos papéis como: Mãe, pai, filho (a), marido, esposa e vó (ô).

Voltado para o mercado de trabalho, observamos o profissional da área da educação física, onde é uma ferramenta indispensável na vida escolar e pessoal de seus alunos. Segundo o site Info Escola (acesso em 28 de agosto de 2017), “a principal função deste profissional é orientar, planejar e acompanhar a prática de exercícios físicos de um indivíduo ou grupo, que pode ser desde recém-nascidos acompanhados dos responsáveis a terceira idade”.

Além de ser um profissional que promove a saúde, qualidade de vida e educação, é um “amigo” e “psicólogo”. Esse educador pode gerar na maioria das vezes, um momento de felicidade, prazer, autoconfiança, auto estima e socialização, ocasionando uma mudança positiva e duradora de forma intrínseca dentro do seu aluno ou grupo.

Entendendo a importância da interação social, conclui-se que a mesma nem sempre ocorre de forma igualitária, para as meninas e os meninos nas aulas de educação física. Os garotos na maioria do tempo se acham “mais superiores, hábeis e talentosos”, associando a cultura da antiguidade, no qual se tinham homens na maioria do tempo machista.

Conforme apontam Figuerôa; Moraes e Silva (2014, p. 1) as questões referentes ao preconceito contra a mulher são temas muito discutidos em todas as esferas da vida cotidiana e compreendem diversos espaços como o doméstico, profissional, social, intelectual, artístico e, logicamente, o esportivo.

Segundo os autores Goellner (2003, p.1; 2005, p.1; 2006, p.1) e Moraes e Silva e Fontoura (2011, p. 1) salientam que durante muitos anos as mulheres foram proibidas de participar de qualquer atividade esportiva.

Compreende-se que para um bom e produtivo desenvolvimento no ensino aprendido e nas aulas de educação física é necessário que o docente atinja o objetivo de incorporar pensamentos e atitudes de igualdade entre gêneros, e que todos os alunos, respeitem as dificuldades e diferenças de cada um (esse aspecto tem que ser trabalhado e aprimorado em escolas e academias).

É necessária essa interação social para que possa ser identificada a identidade de cada indivíduo, pois parte da população tem concepções totalmente distorcidas de si mesmo, por padrões que a sociedade em que vivemos impõe, para vivermos conforme as regras de aceitação social.

Segundo Padilha (2002, p. 1) “na cultura de boa aparência em que vivemos, a beleza adquire conotação de aceitação de não rejeição, onde não ser belo equivale a ser rejeitado”. É um conjunto de valores atribuídos a uma pessoa pelos outros, através da análise das características, qualidades e defeitos que uma pessoa apresenta.

Identidade e interação social feminina nas aulas de educação física

Segundo Charles (1991 apud FONSECA 2017),

A identidade é fruto de uma construção social, interiorizada e vivida pela maioria da população, construção essa que tem adquirido diferentes matizes, ao longo da história, segundo o modelo de organização social vigente e das características consideradas necessárias para proporcionar funcionalidade ao sistema [...]. Os diversos rumos que tem tomado a identidade da mulher através da história e que têm determinado suas formas culturais específicas não são específicos ou casuais, mas respondem aos requerimentos de um sistema social que os cria, recria e dá forma, na vida cotidiana. (CHARLES, 1991 APUD FONSECA, 2017, p. 8).

Para que possamos ter interações sociais, é necessário desenvolvermos papéis sociais. Segundo Giddens (2002, p. 8), “Os papéis sociais são expectativas socialmente definidas que um indivíduo de determinado estatuto e posição social tem”. Para que se possa ter e desenvolver um papel social é importante analisar a cultura, modo de viver, características, costumes e escolhas (GIDDENS, 2002).

Segundo dados do artigo “Professor de Educação Física, disponível no site Infoescola (acesso em 20 de outubro de 2017), “A principal função do profissional de educação física, é, orientar, planejar e acompanhar a prática de exercícios físicos de um indivíduo ou grupo, que pode ser desde recém-nascidos acompanhados dos responsáveis a terceira idade”.

A prática das aulas de educação física feminina na maioria das vezes não acontece de forma integrativa e qualitativa. Segundo Altmann e Sousa (1999 apud BEHMOIRAS; WIGGERS 2017, p. 1) “A imagem construída da mulher dotada de fragilidade, docilidade, sentimentos e emoções e a imagem do homem dotado de força e razão se reflete nas aulas de Educação Física”.

Historicamente, para as meninas, destinam-se atividades sem contato corporais e esforço, movimentos suaves. Já o futebol e o basquete são destinados aos meninos, por exigirem maior

esforço, movimentos violentos, confronto e contato entre os corpos, servindo de espaços para a manifestação de toda a virilidade masculina

Segundo Costa e Silva (2002 apud MOREIRA; SOARES, 2011)

Meninos e meninas recebem educação diferenciada e na década de 70, as mulheres começaram a refletir sobre a discriminação que sofreram, passando a compreender que as diferenças de gênero não são produtos das diferenças biológicas, mas consequência das estruturas sociais e culturais que enaltecem o masculino e desvalorizam o feminino. Hoje as mulheres ainda são discriminadas, mas os homens continuam negando que discriminam as mulheres e estas vem provando que são capazes de conquistarem seus espaços assim como os homens COSTA; SILVA, 2002 APUD MOREIRA; SOARES, 2011, p. 1).

Materiais e métodos

Método

Foi realizada uma pesquisa qualitativa com base na análise de discussão, onde foram revisadas literaturas nacionais e internacionais relacionadas à distinção de sexo e gênero/ identidade e interação social feminina nas aulas de Educação Física.

Aplicou-se um questionário (ANEXO – A) que visa coletar com qualidade os dados das entrevistadas para que o processo de ensino aprendizagem e interação social seja efetivado da melhor forma possível, propondo para os docentes como uma ferramenta de auxílio dentro de suas aulas, propiciando uma melhor qualidade de vida social e escolar na vida de seus alunos.

População e amostra

A população foi formada por seis meninas voluntárias, selecionadas de forma aleatória.

A amostra deste estudo foi desenvolvida por garotas, com idades entre 14 a 15 anos, que estivessem matriculadas e cursando o 1º ano do Ensino Médio, em uma escola localizada em Taguatinga.

Crítérios de inclusão

Foram adotados como critérios, adolescentes do sexo feminino, entre 14 e 15 anos de idade que cursam o 1º ano do Ensino Médio.

Variáveis do estudo

- ✓ Idade: 14 a 15 anos.
- ✓ Modo de viver/Costumes e Educação Física
- ✓ Interação social e Identidade (com base nos papéis sociais)

Local do estudo

Escola Particular em Taguatinga- DF.

Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

Para a coleta dos dados elaborou-se um questionário semiestruturado.

O procedimento se deu em uma escola particular localizada em Taguatinga, em aulas de educação física, com alunas matriculadas na turma do 1º ano do Ensino Médio.

O horário da aplicação do questionário para as seis adolescentes ocorreu entre 10h20min até 12h30min.

Na primeira aula do dia 04/10/2017 foram entrevistadas três meninas, onde a aplicação do questionário foi individual (somente pesquisadora e aluna), no tempo estimado de 00h e 30 min, até que o objetivo de aplicação do questionário fosse efetivado com as três adolescentes.

Na segunda aula do dia 06/10/2017 foram entrevistadas três meninas, onde a aplicação do questionário ocorreu de forma individual (somente pesquisadora e aluna), no tempo estimado de 00h e 30 min, até que o objetivo de aplicação do questionário fosse efetivado com as três adolescentes.

As alunas responderam o questionário sentadas na arquibancada da quadra, dentro do tempo estimado por esta pesquisadora Adryane Ribeiro.

Procedimentos de análise (estatística)

Foi utilizada como ferramenta do procedimento do trabalho uma Análise de Discurso. Para Triviños (1987, p. 11) “... Análise de Discurso possibilita de forma efetiva que os leitores se situem melhor no confronto com a linguagem e, por ela, com o mundo, com os outros sujeitos, com os sentidos, com a história”.

Riscos e benefícios do estudo

Não houve nenhum fator aparente que gerou risco, e sim benefícios.

Após a análise do questionário realizado pelas adolescentes foi permitido diversas fontes de estratégias e compreensões para com gênero feminino e para os docentes, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem, na concepção de auto avaliação, interação social, papéis sociais, e para um desenvolvimento qualitativo nas aulas de educação física.

Cronograma

Mês Tarefa	Junho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Revisão da Literatura	x xxxxxxxx	x xxxxx	x			
Coleta dos dados				xx xxx		
Tabulação e análise				xx xxx		
Discussão dos resultados				x	xxxxx	
Conclusão e Texto final					xx	x
Apresentação do TCC						x

Questionário

Nossa pesquisa esteve questionando a respeito da identidade e interação social feminina dentro do ambiente escolar, observando as variáveis: idade, cultura, identidade, interação social e papéis sociais;

Baseado nos estudos de Simone de Beauvoir (2009) e Giddens (2002): O questionário coletou dados das entrevistadas para que o processo de ensino aprendido e interação social fosse efetivado da melhor forma possível, propondo para os docentes como uma ferramenta de auxílio dentro de suas aulas, propiciando melhor qualidade de vida social e escolar na vida de seus alunos.

Análise do questionário

LEGENDA:

Audi - nº 1

BMW - nº 2

Lamborghini - nº 3

Ferrari - nº 4

Aston Martin - nº 5

Land Rover - nº 6

Apresentação

Nossa pesquisa questionou a identidade e interação social feminina dentro do ambiente escolar, observando as variáveis idade, modo de viver, cultura, interação social, papéis sociais e escolhas, baseada nos estudos de Simone de Beauvoir (2009) e Anthony Giddens (2002). Logo em seguida apresentamos, analisamos e discutimos as respostas das alunas referentes aos temas acima.

Quando questionadas sobre as aulas de Educação física relacionadas com os momentos de interações sociais a maioria das respostas foram positivas (apenas uma negativa). Disseram ser aulas interativas, pois ocorre muito trabalho em equipe, havendo comunicação e contato social entre todos da turma.

Com relação às respostas “depende” ou “mais ou menos” destaca-se a fala bastante significativa de uma delas, **Ferrari**: *“Depende, a Educação física não integra diferentes grupos, mas faz um mesmo grupo interagir. Exemplo “nerds com nerds” e “populares” com “populares”.*

Através deste comentário da aluna nos questionamos se o profissional da área de Educação Física realmente está possibilitando e realizando aulas dinâmicas e inclusivas para todos, sem separação de grupos já intitulados como “bons” ou “ruins” ou “nerds com nerds” e “populares” com “populares”. Pelo que percebemos nem sempre isso ocorre.

Em relação às aulas de Educação Física do ano de 2017 a participação das meninas em todos os jogos e esportes em relação aos meninos foi bastante negativa pois, na maioria das vezes, elas mesmas se qualificam como “inferiores” e “menos habilidosas” que eles, o que demonstra como a identidade das meninas é construída cultural e historicamente, ou seja, por serem há tanto tempo tão desqualificadas e desvalorizadas pelos homens acabam assimilando este comportamento.

Destaca-se uma afirmação bem intrigante da aluna **BMW**: *“Eles não gostam da nossa presença, pois somos “ruins” na percepção deles. Porém o professor permite os mesmos acessos de esportes e atividades para todos”.*

No entanto, embora o professor interfira no processo abrindo espaço para a participação das meninas ele acaba aceitando e acreditando que as garotas são realmente inferiores, não adaptando os jogos e esportes para elas. Assim causa-se o desinteresse e a desmotivação da parte das mesmas. De tal modo o professor transparece a ideia de inferioridade das mulheres para sua classe e até mesmo para vida de seus alunos, pouco percebendo essa construção cultural.

Tratando da pergunta relacionada à discriminação ou preconceito quando mulheres participam de modalidades esportivas tradicionalmente realizadas por homens as respostas foram todas positivas. Elas relataram que os meninos se acham mais “competentes”, “fortes”, “habilidosos” e “melhores”, confirmando a exclusão.

Notamos esse ajuizamento na fala de **BMW**: – *“Sim, pois os próprios pais deles estipulam desde a infância o que é de menino e o que é de menina, criando uma cultura que abrange o espaço escolar também”.*

Entender essa ideia é fundamental, os pais são os primeiros educadores de uma criança, então, desde a infância eles aprendem e levam essas ideias para a escola, sendo uma delas a distinção e separação incoerente de gênero para o seu convívio social. A partir desse afastamento social cabe ao professor incentivar e gerar uma maior conscientização de igualdade entre seus alunos, mostrando que esse processo é sempre cultural, nunca genético.

Quando questionadas a respeito da separação dos meninos e das meninas nas aulas de educação física a maioria das respostas foram afirmativas, devido terem a concepção de serem “ruins”, “frágeis” e “desinteressadas nos esportes”.

Destaca-se a fala da garota **Land Rover**, bastante significativa em relação a cultura machista e preconceituosa: - *“Sim, pois não gostamos de jogar com os meninos, eles são melhores e não deixam as meninas se interagir com eles, fora que eles falam que o lugar das meninas é na arquibancada, pois não fazem nada direito.”*

Por meio dessa fala compreendemos que as meninas já estão culturalmente condicionadas para aceitarem esse tipo de rotulação que a sociedade historicamente tem imposto (sugiro, para maior aprofundamento do tema, o estudo de Simone de Beauvoir (2009) – *“Não se nasce mulher, torna-se mulher”*).

De acordo as possibilidades de o professor favorecer o acesso de jogos e esportes de forma igualitária e inclusiva para os meninos e as meninas todas as respostas foram positivas; algo essencial para compreensão e atuação pedagógica de um profissional da área de Educação Física.

A estudante **Aston Martin** fala: - *“Sim, pois ele acredita que todos podem ter a mesma oportunidade de conhecer, vivenciar e gostar de qualquer esporte, independentemente de serem “classificados tradicionalmente” para tal gênero”*.

Através dessa colocação ressalta-se o quão é necessário e gratificante ouvir isso de uma aluna, esse é o atual cenário que o docente deve atuar, promovendo uma diversidade de pensamentos, ideais e oportunidades sem distinguir o gênero do indivíduo.

Quando questionadas a respeito dos esportes e jogos que as mulheres mais praticam as respostas de todas as garotas foram vôlei e queimada, devido serem esportes narrados como “menos violentos”, “menos agressivos” e “mais legais”. Neles as meninas disseram conseguir encontrar mais habilidades do que nos demais esportes, revelando toda sua cultura esportiva.

Destaca-se a fala significativa de uma delas, **Lamborghini**, que diz: - *“Vôlei e queimada, pois são considerados menos agressivos e mais legais.”*

O grande problema é que o professor de Educação Física se acomoda com os esportes tradicionais aplicados na escola, assim causa uma visão de uma educação física restrita e com poucas opções de esportes classificados divertidos e com baixo índice de agressividade.

Por meio dessa atitude lamentável para um professor de educação física, percebemos que as meninas não têm a oportunidade de conhecer diversos esportes taxados como “legais” e “com pouca agressividade”. Trata-se sempre de uma questão cultural.

Quando interrogadas a respeito do esporte que os homens mais praticam as respostas de todas as entrevistadas foram o futebol, o qual, para os meninos, são vistos como um “hobby”, pelo “nível de capacitação física”, “habilidades elevadas” e “culturalmente” estabelecido para os mesmos.

A aluna **BMW** faz uma interferência bem benéfica onde fala: – *“Futebol, acho que desde pequenos são motivados para a prática desse esporte”*.

Essa afirmação é totalmente coerente pois esse esporte foi, por décadas, praticado apenas por homens e, apesar da suposta conscientização do ser humano ainda ocorre essa situação cultural, onde muitos acreditam que o futebol é esporte apenas para os homens não existindo um leque maior de outros esportes para todos.

Em relação ao questionamento da razão desta distinção de esporte para homens e esporte para mulheres, as meninas acreditam ser uma questão cultural, onde ainda carregam essa rotulação até hoje.

Uma resposta bem significativa foi a de **BMW**, que diz: – *“Acredito que é uma questão cultural, onde somos estimulados pelos nossos pais e até mesmo por alguns professores a prática de determinados esportes, e quando meninas optam por esportes masculinos são taxadas como sapatonas”*.

Conclui-se por meio desta resposta que os grandes protagonistas desse “projeto de adolescentes rotulados” de pensamentos recheados de preconceitos e tabus está fundamentado e conceituado pelos seus responsáveis desde a infância, cabendo a nós, professores, no atual momento trazer novos horizontes para eles.

Tratando de uma nova proposta de maior interação entre garotos e garotas nas aulas de educação física as meninas apresentam como sugestões uma maior receptividade entre eles, aulas inovadoras como aulas de danças, e jogos/ brincadeiras adaptadas onde não haja separação de gênero, permitindo mais igualdade.

Ferrari diz: - *“Passar algumas atividades que não sejam uma modalidade esportiva. A Educação Física aborda tantas coisas, mas seus profissionais simplesmente caem na ignorância de distinção de sexo”*.

Com essa resposta observamos a realidade das aulas de educação física, o porquê das aulas se tornarem tão desmotivadoras. Os professores que atuam na área tiveram, na maioria, um leque de conhecimento e práticas na universidade para ensinar seus alunos, porém preferem a comodidade que os esportes tradicionais oferecem.

Quando questionadas acerca das mudanças além do físico- biológico podem acontecer de forma social dentro das aulas de educação física encontramos respostas como: “interações de grupos”, “diálogo”, “interação social”, “diminuir a timidez”, “descobrimento de novos talentos” e o “combate da depressão”.

Percebe-se essa afirmação na fala de **Land Rover** que diz: - *“Combate a depressão, atividades liberam hormônios que auxiliam na felicidade, além da interação entre os colegas”*.

Com essas afirmativas positivas observamos o quão o profissional de educação física é importante e essencial na vida delas, e através de planos de aulas inovadores e objetivos conseguimos despertar ações e pensamentos bons na vida das garotas.

Conclusão

Neste trabalho abordou-se temas como a distinção de gênero e sexo. Segundo Giddens (2002), há uma distinção entre sexo e gênero. O termo “sexo” é visto como algo referente às diferenças físicas anatômicas entre homens e mulheres e gênero é uma construção cultural, segundo uma série de comportamentos aprendidos, e ações que são usadas diariamente, e não um dado físico e/ou biológico.

Através deste entendemos como acontece a interação social dentro das aulas de Educação Física, o que é, e como são desempenhados os papéis sociais femininos dentro da mesma.

Para que possamos ter uma interação social, é necessário desenvolvermos papéis sociais. “Os papéis sociais são expectativas socialmente definidas que um indivíduo de determinado estatuto e posição social tem”. Para que se possa ter e desenvolver um papel social é importante analisar a cultura, modo de viver, características, costumes e escolhas (GIDDENS, 2002).

Por meio do questionário, onde aplicou-se o procedimento da análise de discussão, no qual constituiu-se com adolescentes do sexo feminino com idades entre 14 e 15 anos foi possível perceber como foi formado e construído a identidade social das garotas na sociedade, no processo de ensino aprendido e nas aulas de Educação Física.

Através do trabalho entendemos como a identidade e a interação social influenciam no desenvolvimento educacional e social das adolescentes, no qual foi permitido diversas fontes de estratégias e compreensão para com gênero feminino, onde o docente poderá estar auxiliando de forma mais produtiva e eficaz as meninas no processo de ensino-aprendizagem, na concepção de auto avaliação, interação social, papéis sociais, e para um desenvolvimento qualitativo nas aulas de educação física, pois sabemos que além de professores somos amigos.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena; EUSTÁQUIA Salvadora de Sousa. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedex**, v. 19, n. 48, ago. /1999.

ARAÚJO, Marcele J. Frossard de. **Identidade Social**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/identidade-social/>. Acesso em: 20 de ago de 2017.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Brasil: Nova fronteira, 2009.

CORREIO BRAZILIENSE. **Editoria de Arte/Folha Imagem**, Brasília: Outubro, 2002.

FIGUERÔA, K. M.; MORAES E SILVA, M. Impressões femininas sobre a presença da mulher na capoeira. **Revista da Associação Latino-americana de Estudos Sócio-culturais do Esporte**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 16-31, 2014.

GOELLNER, S. V. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na **Revista Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003.

_____. **Mulher e esporte no Brasil**: entre incentivos e interdições elas fazem história. Pensar a prática, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2006

_____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. Dicionário Aurélio Eletrônico.. Rio de Janeiro: Positivo, 1999.

MORAES E SILVA, M.; FONTOURA, M. Educação do corpo feminino: um estudo na Revista Brasileira de Educação Física (1944-1950). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.25, n.2, p.263-75, 2011.

NAVARO, Regina. “Traição, relações cada vez mais perigosas”, in **Revista Veja**, São Paulo: ABRIL, ano 35, n.2, Janeiro, 2002.

PADILHA, Ênio. **Marketing pessoal e imagem pública**. 2 ed. Balneário Camboriú: Palloti, 2002.

PIRES, Cecília. “Independentes e realizadas”, in **Revista Época**, São Paulo: GLOBO, Setembro, 2005.

RAMOS, Magdalena. “Traição, relações cada vez mais perigosas”, in **Revista Veja**, São Paulo: ABRIL, ano 35, n.2, Janeiro, 2002.

TAMAYO, A. et al. A influencia da atividade física regular sobre o auto conceito. **Estudos de psicologia** (Natal) V. 6 m.2 jul. dez. 2001.

TASSONI, E. C. M. Afetividade e aprendizagem: A relação professor-aluno in **Psicologia, análise e crítica da prática educacional**. Campinas: ANPED, 2000.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TURNER, J. C. Social identification and psychological group formation. In: TAFJEL, H (org.). **The social dimension**: European developments in social psychology, vl. 2. Cambridge University, 1977.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Sites

BEHMOIRAS, Daniel Cantanhede; WIGGERS, Ingrid Dittrich. **Discriminação de gênero em aulas de Educação Física do ensino médio**. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/viewPaper/5274>. Acesso em: 21 de ago 2017.

Disponível em: <http://protarciso.blogspot.com.br/2012/09/o-processo-de-construcao-da-identidade.html>

Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd166/autoestima-na-educacao-fisica-escolar.htm>

Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/169640/mod_resource/content/1/identidade.

Disponível em: <https://www.significados.com.br/> Acesso em: 20 de ago 2017

Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/papel-social/>. Acesso em: 20 de ago 2017

Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/viewFile/5274/2562> Acesso em 28 ago 2017

FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. **A construção da identidade de mulheres e homens como processo histórico-social**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185064/mod_resource/content/1/identidade.pdf Acesso em: 21 de ago 2017.

INFOESCOLA. **Professor de Educação Física**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/profissoes/professor-de-educacao-fisica/>. Acesso em: 28 Ago 2017.

MOREIRA, Kátia Marques; SOARES, Leililene Antunes. **Relações de gênero nas aulas de Educação Física: discriminação nos esportes**. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd162/relacoes-de-genero-na-educacao-fisica.htm> Acesso em: 20 de ago 2017.

TODAMATERIA. **O que é Interação Social**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-interacao-social/>. Acesso em: 28 Ago 2017.